

Expresso

20/6/81

p. 28-R  
-29-R

# O despertar da literatura

- "Cela 1", de JOSÉ CRAVEIRINHA
- "Monção", de LUÍS CARLOS PATRAQUIM
- "Lume Florindo na Forja", de ORLANDO MENDES
- "Xigubo", de JOSÉ CRAVEIRINHA
- "Contos e Lendas", de CARNEIRO GONÇALVES

**A**S EDIÇÕES 70, em colaboração com o Instituto Nacional do Livro e do Disco de Moçambique (INLD), tem vindo a publicar uma coleção denominada **Autores Moçambicanos**, edição essa que vai já no seu quinto volume.

Trabalho conjunto e segundo acordos entre as duas partes, a edição será distribuída em Portugal (2000 exemplares) e em Moçambique (5000 exemplares) constituindo para o público português um modo de conhecer o que se fez ou se faz em Moçambique a nível literário e, para este país, um modo decisivo de arrancar para um movimento editorial que se tornava necessário.

## O feitiço contra o feiticeiro

Ocupados durante tantos séculos, os povos africanos viram-se agredidos e espoliados naquilo que constituía o seu viver social, a sua verdadeira identidade. Contudo, a ocupação, embora de dramáticas consequências, nunca conseguiu liquidar por completo o que existia de profundamente constituinte da personalidade e da

*Será prematuro definir-lhe, desde já, características de movimento ou corrente literária. Mas, na antiga colónia portuguesa do Índico, o certo é que qualquer coisa começou. Os jovens procuram o seu caminho — ao encontro de uma identidade cultural própria.*

## Guilherme Ismael

cultura locais. E se é certo que a língua do ocupante foi um poderoso meio na tentativa de liquidação da identidade social e cultural dos povos africanos, é também certo (e está à vista) que esses povos souberam virar o feitiço contra o feiticeiro ao utilizar a língua portuguesa, primeiro, como forma de contestação, de resistência e, depois, como forma de unidade na reconstrução.

E isto porque, nomeadamente no que toca à poesia, os poetas moçambicanos souberam, sem virar costas aos seus idiomas, à sua estrutura linguística e à realidade que os circundava, criar qualquer coisa de autónomo que escapava por com-

pleto ao controlo das autoridades coloniais. E por mais livros apreendidos, por mais poemas censurados nos jornais, por mais escritores presos, a experiência poética dos anos cinquenta floresceu e teve os seus resultados.

Não se poderá evidentemente dizer que foi por via da poesia ou da literatura em geral que a libertação se conquistou, mas à luta de libertação nacional não é alheia uma tomada de consciência que atingiu alguns estratos de moçambicanos, tomando neste caso a forma de uma construção poética, quase um hino e uma chamada de atenção para uma realidade por demais forte para ser esquecida

ou contornada como houve quem quisesse. E para tal, penso que não serão alheios nomes da poesia como os de Noémia de Sousa e José Craveirinha.

## A afirmação da africanidade

Quando em 1963, José Craveirinha escrevia: "Sou analfabeto./ A comida das livrarias/ é indigerível para mim eu sei./ E sobre isso infelizmente só há duas opiniões/ a tua opinião quando me bates/ A minha opinião quando apanho", o poeta saltava declaradamente para uma auto-definição de enormes implicações. Com esse poema marcava Craveirinha não só uma fronteira rigorosa que separava o colonizado do colonizador, mas, mais importante ainda, marcava ele um claro e inequívoco posicionamento de classe.

Para chegar a este ponto, a poesia moçambicana percorreu contudo diversas fases do mesmo modo que outros povos sob domínio colonial. No caso concreto de Moçambique há em geral acordo em considerar como primeira expressão da poesia moçambicana (de expressão portuguesa, entenda-se, pois é preciso ter em conta que, sendo uma civilização de grandes tradições orais, muita da poesia tradicional sempre existiu e existe ainda à espera de ser compilada e estudada) alguns dos poemas de Rui de Noronha.

Ao morrer com 34 anos (em 1949), Rui de Noronha deixava uma obra constituída por sonetos de um grande apuro e onde, aqui e ali, se poderia vislumbrar já qualquer coisa que tinha a ver com a identificação

do poeta com a sua terra e a afirmação (porventura ainda não claramente formulada) de uma especificidade muito concreta. Cita-se, em defesa desta tese, o soneto em que Rui de Noronha se refere a África (a "mãe-terra", como viria a surgir em tantos poemas dos anos cinquenta e seguintes) nestes termos: "Desperta. O teu dormir já foi mais que terreno.../ Ouve a voz do Progresso, este outro Nazareno/ Que a mão te estende e diz: África, surge et ambula!".

Mas realmente só nos anos cinquenta surge aquilo que se poderia vir a chamar a poesia moçambicana. Esta sim, ligada à terra, a um sentir profundo dos problemas, a uma afirmação da sua africanidade, não só no que diz respeito aos problemas por ela tratados (a afirmação da cor da pele como elemento de identidade, da terra, de uma clara demarcação em relação ao colonizador) mas também no que se refere ao seu trabalho sobre uma linguagem que tinha mais a ver com a estrutura das línguas autóctones do que com o português da "metrópole". É então que começa a aparecer na poesia uma terminologia africana, a meu ver não apenas como afirmação de uma identidade cultural distinta, mas muitas vezes como ruptura nos ritmos poéticos então estabelecidos.

É o caso da poesia de Noémia de Sousa em que a estrutura comunicativa das línguas autóctones transparece e forma a verdadeira força do poema, para além da utilização de um léxico de raízes africanas. Pelo que é evidente que, desde o momento em que se liberta a linguagem para campos novos,

impossíveis de entender e de "colonizar" pelo ocupante, qualquer coisa se quebrou nos sistemas clássicos de opressão. Daí também a total impotência dos ocupantes em calar essas vozes que vinham surgindo.

Começando assim por ser a afirmação de uma identidade, a pouco e pouco essa poesia passou a forma de resistência declarada ao colonialismo até se tornar verdadeiro instrumento de luta. Escrita por negros, mestiços e brancos nascidos ou radicados em Moçambique, essa poesia que foi florescendo em sucessivas edições semi-clandestinas ou de todo clandestinas, foi-se afirmando como instrumento fundamental. E é de tal modo evidente a importância da poesia na revolução moçambicana, que ela foi prática corrente nomeadamente entre os guerrilheiros, de que existem inúmeros exemplos.

## A resistência e o trabalho poético

Falava eu mais acima de um percurso da poesia moçambicana desde os anos cinquenta até aos nossos dias. E penso que não haverá mais completo exemplo desse percurso tantas vezes doloroso como o da poesia de José Craveirinha, um dos pioneiros, homem ainda extremamente activo e com uma palavra a dizer sobre os caminhos da nova poesia moçambicana. Por isso o significado que toma a publicação pelas Edições 70 das suas obras "Cela 1" e "Xigubo" (estando já anunciada a reedição de "Karingana ua Karingana").

"Como único privilégio/ os poetas usufruem a própria mor-

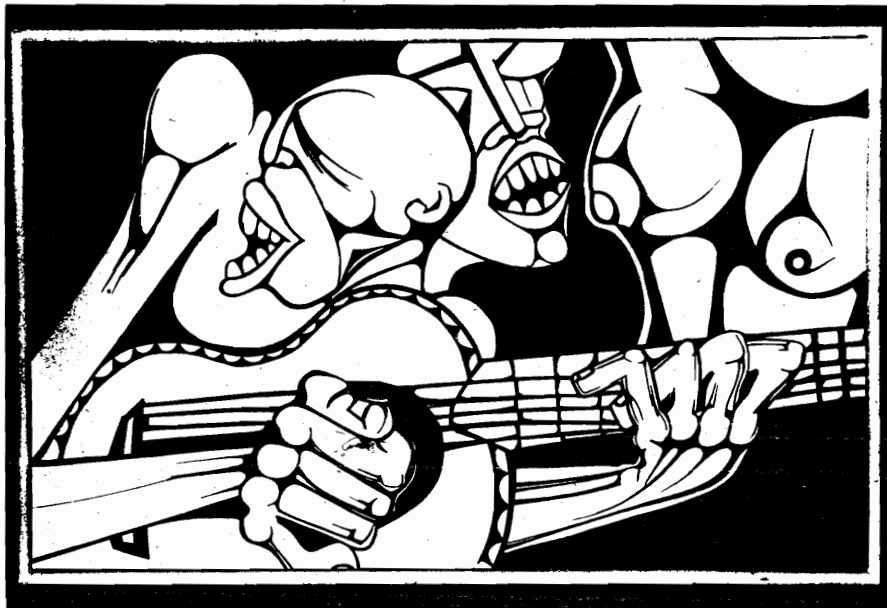
# moçambicana

te/ para viverem ainda mais a sua pátria", diz Craveirinha em "Cela 1". Poesia do homem encarcerado (que o eram todos de uma forma ou doutra) ela marca já uma oposição frontal ao ocupante. E se não constitui um dos momentos mais altos do poeta, a sua importância decorre do significado que essa fase adquiriu.

Do mesmo modo "Xigubo" engloba poemas ainda desse percurso onde a ironia (sempre presente na sua poesia) marca precisamente a dimensão da amargura de um povo colonizado: "Mas põe nas mãos de África o pão que te sobeja/ e da fome de Moçambique dar-te-ei os restos da tua gula/ e verás como também te enche o nada que te restituo/ dos meus banquetes de sobras".

Aliás, este livro, assim como "Karingana ua Karingana", constituem obras fundamentais na carreira do poeta, naquilo em que formam um grito de afirmação de diversos matizes, ao mesmo tempo que são um questionamento constante sobre a poesia e o trabalho poético.

É evidente que a afirmação, a resistência, a revolução, a reconstrução são temas sempre presentes na poesia moçambicana. E não seria de esperar outra coisa de uma poesia em cuja gênese estão essas mesmas preocupações. E mesmo quando de amor falam os poetas, esse amor atinge formas que, mais uma vez, têm a ver com a afirmação. Porque o amor é também revolta, estado de sítio, afirmação de um estar no mundo que não aceita meios, termos ou situações de exploração. E por isso, muitas vezes, a mulher amada substitui (tal como a mãe) essa terra de África



explorada e ofendida.

E é curioso verificar que, mudada a situação socio-política e conquistada a independência, os poetas não largando os velhos temas se ligam a eles de um outro modo. Refiro-me nomeadamente a Orlando Mendes.

Dos poetas até agora publicados pelas Edições 70, Orlando Mendes é o único que, sendo alguém que anda nessas lides da poesia desde os anos cinquenta, nos surge com um livro de poemas escritos já pós-independência. "História/ contada em poesia/ é do povo a memória/ que pela palavra se recria", diz Orlando Mendes como que a introduzir um livro de poemas a que eu chamaria

um **big close-up** (grande plano) sobre o quotidiano de um Moçambique independente e na fase de reconstrução. Objecto que circula entre a poesia, a prosa, a reportagem, a palavra de ordem, este livro de Orlando Mendes tem qualquer coisa de perturbante.

Seria demasiado simplista olharmos estes poemas claramente dirigidos para uma obsessiva visão macroscópica da realidade moçambicana, como algo que escapasse ao âmbito da poesia. Só que realmente é a palavra o tema deste livro que se chama "Lume Florindo na Forja". E, assumindo-se precisamente como cronista, o poeta afirma: "Repito versos. Insisto/ em palavras. Nosso lume /

florindo na forja./ Isto conta-se não se resume".

Com um domínio intransigente da palavra, Orlando Mendes faz um quadro, segue cada poro, cada curva do processo moçambicano, deslizando por meandros de palavras que, pela sua ligação com o objecto, se tornam extremamente contundentes.

## Chão dos novos poetas

Aliás esta preocupação pela palavra e pela sua utilização particular é uma constante da poesia moçambicana, adquirindo nova força nos jovens poetas agora surgidos. É o caso de Luís Patraquim e do seu livro "Monção", agora editado na

colecção Autores Moçambicanos.

Poeta da nova geração, Patraquim destaca-se dos velhos temas para procurar novos caminhos e abrir novas portas para a poesia moçambicana: "rigorosamente viajo no tempo/ e não sei/ não sei se é canto ou ave/ o que canto".

E aqui, com a voz e a experiência de uma nova geração, se pode pôr o problema: que caminhos para a poesia moçambicana? Que caminhos para a poesia dos novos poetas (Albino Magaia, Mía Cguto e muitos outros que se vêm revelando nas páginas do semanário de Mocambique Tempo).

Uma coisa é clara nestes livros: é que, de qualquer modo,

qualquer coisa começou. Definir-lhe as características, penso que é prematuro, inconsistente. Penso até que nenhum destes jovens poetas encontrou já o seu caminho, a sua "Monção" de que fala Patraquim.

E, do mesmo modo que Carneiro Gonçalves nos seus "Contos e Lendas" não chegou a abrir novos caminhos para a novelística moçambicana (de que os únicos exemplos assinaláveis são "Godido" de João Dias e "Nós Matámos o Cão Tinhoso" de Luís B. Howana) os novos poetas ainda se procuram. Os novos e os velhos poetas. Porque não há poeta que se cale. Nem chão que não dê fruto.